

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

Nº. de referência: 65-8

Título: "UM BARCO PARA ÍTACA" "E OUTROS POEMAS"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): ALEGRE, MANUEL

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: ?

Data de Emissão: ?

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
	1: VOZ
	2: "
	3: "
	4: " E 5: VOZ
	HERMES
	ULISSES
	GALIPSO
	TELEMACO
	O POETA
	E OUTRAS ...

Estado de conservação: Bom

Razoável

Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

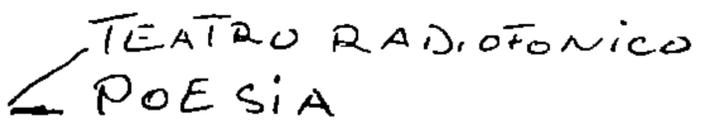
Nº do Registo Sonoro:

10/01/81

(V.S.F.F.) ⇨

Notas:

- NÃO EXISTE REGISTO DOS NOMES DOS ACTORES

Indexação: 
TEATRO RADIOFONICO
POESIA

1
- 13

UM BARCO PARA ÍTACA

II

OUTROS POEMAS

de

Manuel Alegre

XXX-XXX-XXX

original

|

(Viola que fica em fundo)

1ª VOZ

Soneto do Amor de Ulisses

I

Como Ulisses te busco e desespero
Como Ulisses confio e desconfio
E como para o mar se vai um rio
Para ti vou. Sô não me canta Homero.

Mas como Ulisses passo mil perigos
Escuto a sereia e a custo me sustenho
E embora tenha tudo nada tenho
Que em te não tendo tudo são castigos.

Sô não me canta Homero. Mas como Ulisses
vou com meu canto como um barco
ouvindo o teu chamar - Pátria Sereia
Penélope que não te rendes - tu

que esperas a tecer um tempo ideia
que de novo o teu povo empunhe o arco
como Ulisses por ti nesta odisseia.

Separador - mar em fundo.

Na Ilha de Calipso

Ulisses

Ô noite ô mar ô voz das coisas silenciosas
deixai-me junto à costa que perdi meu barco
Ulisses navegador
coroai-me de algas como de rosas
que eu sou Ulisses sem Penélope e sem amor
Ulisses já sem barco.

2ª VOZ

E Ulisses tinha um reino.

3ª VOZ

Tinha uma rainha.

ULISSES

Deixai-me junto à costa coroadado de espuma
Que Ulisses já não tem
Arco
Não tem rainha. Ulisses já sem reino e já sem
barco.
Deixai-me coroadado
Ulisses já sem coroa
Nem resposta
Quando pergunta (quando pergunto)
Por sua (minha) cidade Lisboa.
Deixai-me desarmado
Junto
À costa.

Ó mar ó noite ó voz das coisas silenciosas
Já Penélope deposta
O meu reino conquistado.
De espuma (como de rosas)
coroadado
deixai-me junto à costa.
Meu reino por um barco. E por meu arco.

Fim de ruído de mar.

2ª VOZ

Em Ítaca (a de Ulisses chamada)
Os corvos debicam
Seus restos.

3ª VOZ

Em Ítaca (a tão calada)
Só o silêncio tem gestos.

4ª VOZ

Partem homens e ficam
restos.

1ª VOZ

Em Ítaca (a tão lembrada)

ULISSES
(mais presente)

E havia laranjas. Havia um país de leite
e de limão.
Havia cantaros carregados de azeite.
Pedras e cabras.
Raparigas.
Ai ruas estreitas. E o sol. As sombras. Havia uma
canção
que falava do vento e das espigas.
E agora só palavras. Só palavras.
Minha nação já só de cardos e caruma.
Ausências. Fantasmas.

3ª VOZ

Ai Ulisses sem armas.
coroadado de espuma.

~~XX~~

HERMES

A tua tristeza é terrível ó estrangeiro
terrível é a tristeza do homem que se procura.

3ª VOZ

Só uma rainha espera pela noite fora.
E os corvos sentam-se no trono
de Ulisses.

1ª VOZ

Em Ítaca (a mal amada)

ULISSES

E em cada ilha me acolheram. Em cada ilha
o povo partilhou comigo seus figos
e seu mel. Qual dentre as mulheres
perguntava o rei
qual dentre as mulheres
será a tua rainha esta noite?
Ai rainhas
Ai escravas
Colinas prados países de verdes vinhas
em cada mulher busquei uma rainha que não há
em cada país o meu país de rochas e pinheiros.
Mas nenhuma rainha era a minha rainha
nenhum país o meu país de pedras e de cabras.

HERMES

Talvez o que buscas tenha ficado lá:
num pátio cercado de limoeiros.

ULISSES

E havia laranjas. Havia um país de leite e de limão.

4ª VOZ

Ai Ulisses sem barco
e já sem arco
já sem arco na mão.

Separador que fica em fundo

HERMES sai. Entra CALIPSO

CALIPSO

Nas tuas palavras há cantaros partidos
na tua voz há uma flauta a tocar numa terra distante.
Comigo serias igual aos deuses
o Tempo não marcaria com suas rugas o teu rosto
nem Perséfone te receberia em seus braços de sombra.
Mas tu preferes um corpo de mulher
ao corpo de uma deusa. O tempo que passa
ao Tempo imortal.
Ah tu preferes a sinza de Penélope
ã chama eterna de Calipso.
E bebeste do meu vinho. De todos os mortais só tu
tiveste nos braços a beleza que não morre.
Mas falas-me sempre como se não estivesses cá
apertas no meu corpo um corpo ausente
procuras no que tens o que não há.
Junto de Penélope tinhas saudade de uma deusa
e junto de uma deusa tens saudade de Penélope.
Buscavas a eternidade junto à morte
e é a morte que buscas junto à eternidade.
E há sempre um alaúde partido na tua voz
há sempre uma flauta a tocar numa terra distante.

ULISSES

De ser imortal ò Deusa eu morreria
morreia eternamente se não morresse.
e assim morrendo não tivesse de ~~me~~ viver
como se fosse eterno em cada instante
em que passando sou quem não vai sendo
e de não ser é só quem vai passando.
Se dos deuses é todo o Tempo
de nós é só ~~um~~ instante. E só de nós a saudade.
Mais do que os deuses amamos o sempre
pois só de nós é o nunca mais.

Bem pobre é Penélope porque mortal.
E ainda que seja entre as mulheres a incomparável
como posso compará-la a ti que és imortal?
Mas seria Penélope tão bela
se não tivesse de morrer?
Ah eu sei que tornado igual aos deuses
não teria a saudade de perder-te.
Mas poderia amar Penélope
se não tivesse de perdê-la?
Tu me darias o tempo indivisível
mas só em Penélope a festa de tocar o Tempo
como quem se despede.

CALIPSO

As tuas palavras são de festa e despedida
pois tu amas o adeus de cada instante
e não a eternidade sem adeus.
Mas também para mim chegou a hora
de provar o saber do nunca mais.
Eu te darei a brisa do regresso
e se os deuses ~~ka~~ que podem mais do que eu
não te soltarem os ventos do naufrágio
chegarás são e salvo até Penélope.

Fim de fundo musical

Viola em fundo

Então ULISSES canta uma
Canção para Penélope

Agora tu Penélope: Agora tu que te penteias
com teu pente de estrelas no espelho da água
agora tu que és esta ausência em minhas veias
festa e mágoa.
Tu que te vestes de longe em cada mulher presente
tu que te vestes de nunca mais na proa de cada barco
e tens o rosto de cada rosto ausente
Penélope: ou esta flecha em Ulisses já sem arco.

2ª VOZ

De naufragos se vestirá. De glória e perdição.
Ouvirá as sereias e passará adiante
navegará até às margens do inferno.

4ª VOZ

E há sempre no caminho um Polifemo
devorando quem pede protecção.

2ª VOZ

Ai os amigos comidos pelo gigante

3ª VOZ

Ai ventos do Noto e fúrias das ondas tresmalhadas
ai Palácio de Circe: veneno do esquecimento.

2ª VOZ

E quantos dos Aqueus não voltarão?

4ª VOZ

Alguns por tocarem nas vacas sagradas
Alguns por abrirem o saco do vento.

3ª VOZ

Quantos para sempre ficarão
em terras desconhecidas: tão longe do país natal?

4ª VOZ

Ai viagens de Ulisses: glória e perdição.
Dos tesouros de Troia só um tumulto de sal

2ª VOZ

De quantos naufragos ainda se vestirá?

3ª VOZ

Quantas vezes terá de vencer a morte?

4ª VOZ

Procura uma rainha que não há

2ª VOZ

Procura uma ilha no mar azul

3ª VOZ

E o que ele busca é sempre mais ao norte
o que ele busca é sempre mais ao sul.

⊠

O ruído do mar funde com voz do poema seguinte

Voz gravada

Soneto do amor de Ulisses

II

Onde estarás Penélope que já
não sei se esperas já não sei se teces
um tapete e grinaldas? Oxalá
o amor não esqueças se de mim te esqueces.

Oxalá seja a tua voz que escuto
Nesta voz que não sei se é de sereias
se é tua voz cantando-me nas veias
amor tornado ideia por que luto.

Porque todo o poema é como um barco
em que Ulisses por ti sou marinheiro.
Oxalá seja ainda o mais certo

Quando Ulisses por ti empunhe o arco
Penélope que bordas de saudade
Este amor que me prende. E é liberdade.

Fim de ruído de mar

EM ÍTACA: TELEMACO E OS SEUS JOVENS COMPANHEIROS

Rufar de tambor em fundo

TELEMACO

Que ninguém fale de prudência ninguém fale
de esperar. Há palavras que estão gastas que me gastam
ponderação me pedem. Exigem que me cale
Mas bebem do meu vinho meus campos devastam
há resignação chamam virtude juventude à indignação
com seus conselhos me enfastiam com seus prêmios me
castigam
se digo não me dizem sim se digo sim me dizem não
calar-me é doloroso mas ainda me é falar
pois o silencio é uma traição mas há palavras que me
gastam
há um falar que é não dizer há um tempo que se gasta
Ah não me peçam pra esperar que só de esperar
eu desespero e a esperança já não basta
que já não posso já não posso suportar
nem os velhos que me falam da virtude
nem os novos que começam a ser velhos
e se a revolta (dizem) é juventude
eu vos digo que há um tempo de acabar
com este tempo que se gasta e que nos gasta.
Altas são as montanhas. E as águas do mar são vastas.
Partir ou não partir. De qualquer modo ousar.
Pois o tempo é de agir. E as palavras são gastas.

2ª VOZ

As palavras estão gastas e este tempo é de agir.
Precisamos de um barco. Um barco para partir
um barco para chegar. Um barco para encontrar
Ulisses Perdido no mar.

Fim de rufar de tambor

TELEMACO

Levaram-no as Harpias
essas aves com cabeça de mulher
para o desconhecido
para o invisível o levaram
as deusas da tempestade.

4ª VOZ

Quem sabe onde está?

5ª VOZ

Quem sabe onde não está?

2ª VOZ

De Ulisses é buscar o impossível

3ª VOZ

De Ulisses procurar o que não há

TELEMACO

Para o desconhecido o levaram. para o invisível.

2ª VOZ

Quem sabe se junto à costa
procura e não encontra?

./.

4ª VOZ

Quem sabe se pergunta ao mar
e o mar não dá resposta?

5ª VOZ

Quem sabe se pede aos deuses
e os deuses estão contra?

TELEMACO

A cidade de Príamo se foi a conquistar.
Mas de que vale ter vencido
o ouro as palmas de que valem
e o mais precioso dos trofeus: Helena?
E a flor de Troia conquistada: Cassandra?
Ah de que vale ter vencido
se já Cassandra assassinada
e Agamémmon traído
se tudo no mar foi perdido
e não há notícias de Ulisses
em Ítaca
cheia de nada?

3ª VOZ

Quanto de Ulisses perdido
em Ulisses descobridor?

5ª VOZ

Quanto de Ulisses vencido
Em Ulisses vencedor?

TELEMACO

E nunca mais houve sufrágio
nunca mais o povo se reuniu em conselho
desde que o levaram as deusas da tempestade
e o mar ficou vermelho
de seu naufrágio.

Viola ao longe que se aproxima

4ª VOZ

Mas eis que um velho se aproxima.
Traz uma cítara na mão
O que não vê adivinha
e o que nos outros é silencio
é nele rima
e canção.

TELÊMACO

Canta uma canção para Telémaco
canta a canção do homem que caminha

O POETA (Canta)

Quando um homem se põe a caminhar
deixa um pouco de si pelo caminho.
Vai inteiro ao partir repartido ao chegar
o resto fica sempre no caminho
quando um homem se põe a caminhar.

Fica sempre no caminho um recordar
fica sempre no caminho um pouco mais
do que tinha ao partir do que tem ao chegar
Fica um homem que não volta nunca mais
quando um homem se põe a caminhar.

~~XXXXXXXXXX~~

Vão-se os rios sem margens para o mar
O rio da memória: só imagens
O mais é só um verde recordar
É um ficar (sem as levar) nas verdes margens
quando um homem se põe a caminhar.

TELÊMACO

Ai Ítaca cheia de ausência
em teu silêncio amortalhada
Que ninguém fale de prudência
ninguém fale de esperar
Há uma voz a perguntar
em cada boca fechada
há um tempo de caminhar
em Ítaca: a tão parada.

Ráf far de tambor

2ª VOZ

Um barco para partir

4ª VOZ

Um barco para chegar
Um barco para descobrir
Ulisses perdido no mar

5ª VOZ

Ouvis o apelo de Telêmaco? Ouvis
esta voz que nos chega do mar?

3ª VOZ

Quem sabe se não é Ulisses a chamar
por seu país
e a perguntar por Ítaca: a tão apetecida?

5ª VOZ

Onde estais remadores?

2ª VOZ

Um barco para chegar (mesmo quando para partir).

1ª VOZ

Um barco para encontrar
Ulisses perdido em si mesmo.
Precisamos de um barco.

2ª VOZ

Um barco para chegar
a Ítaca dentro de nós: tão em si mesma perdida.

Fim de rufar de tambor

NO ÁGORA: ASSEMBLEIA DO POVO

5ª VOZ

Mensageiros andaram de aldeia em aldeia.
Algo de estranho se deve passar
se de novo convocam a assembleia.
Acaso nos trazem notícias de Ulisses
e do seu exército perdido no mar?

Gong

TELÊMACO

Sou eu filho de Ulisses que vos chamo.
para falar aqui estamos. E falarei.
As notícias que trago vós sabeis:
Há amos a mais na minha casa sem amo
demasiados reis
em Ítaca sem rei.
e não há notícias de Ulisses
não há notícias do seu exército perdido no mar
As bocas devem abrir-se. Por isso falarei.
Pois vós sabeis o que se passa. Vós sabeis mas não
falais.

Como posso sozinho e sem meios lutar
Contra os reis que estão a mais
em Ítaca sem rei?
Que pensarão de nós os povos vizinhos

Se sem um protesto nos calamos
sem um gesto
se sem combate e sem revolta
nos curvamos?

Chegou a hora de partir pelos caminhos
chegou a hora de saber se Ulisses volta se não volta
pois Ítaca está sem rei: mas há reisinhos.
As leis do povo são rasgadas. Suas armas quebradas.
Em nosso nome decidem. Mas ninguém nos convoca.
Só o medo governa
e as bocas estão fechadas
em Ítaca sem boca.

Por isso falarei:

Chegou a hora de saber se Ulisses vive se não vive
se para ele o tempo é de viagem ou de caverna
ou se as deusas da tempestade
para o desconhecido o levaram para o invisível.
Dai-me um barco para partir. Um barco
para encontrar
Ulisses perdido no mar.

Pois Ítaca está sem rei. Laertes o invencível
já não desce à cidade,
as armas estão quebradas e só o medo governa.
Quem se não Ulisses
pode empunhar de novo o arco
em Ítaca sem lei nem liberdade?
Dai-me um barco para partir. Um barco
para encontrar
Ulisses perdido no mar

Gong - Vozes de multidão no fundo

ANTÍNOO

Vede vós como Telêmaco se excita:
É a idade que fala
e o sangue que lhe dita
este discurso. Mas que scria de nós
se vissemos razão onde a razão
se cala

e onde só fala a voz
do coração?

Gong

5ª VOZ

Mas eis que se levanta Haliterses
o que sabe ler nos pássaros e no Tempo.

HALITERSES

Eis um tempo com um bico de milhafre
e asas de rapina.
Brilham ao sol as escamas dos lagartos
e as cobras cospem sua peçonha
em Ítaca
a sem vergonha.

Ouvi os corfos a grasnar.
Eis um tempo com focinho de hiena
e uivos de chacal.
Ouvi palavras cheias de gordura
sentadas à mesa onde o povo não come
em Ítaca
a cheia de fome.

Eis um tempo viscoso e coaxado.
Mas já duas águias riscaram o espaço
em voos circulares.
Eu vos digo que há outro tempo
neste tempo coaxado
em Ítaca
a dos dois mares.

As águias vão descer das montanhas
e o mais avisado de todos os chefes
Ulisses o de muitas manhas
voltará.
Então brandirá seu arco
e flecha a flecha vos matará.

Gong

./.

EURÍMACO

As tuas palavras são encomendadas
e procuram levantar o povo contra nós.
Mas a ordem reina em Ítaca

Fim de vozes de multidão

e as tuas palavras carregadas de veneno
não lançarão os Aqueus contra os Aqueus.
Que importa que o povo seja o número?
Jamais o número reinou sobre a força
e seria preciso rasgar as leis dos deuses
para que a multidão sem nome decidisse
o que só aos eleitos cabe decidir.

Não somos nós os herdeiros daqueles
que nos campos de Troia com sangue imortal
para sempre escreveram a glória dos Aqueus?
Quem senão nós
poderá salvar a ordem que reina em Ítaca?

Cessa as tuas palavras velho.
Pois tu sabes. E Telêmaco também: Ulisses não voltará.
Acaso não será tempo de Penélope escolher
em vez de com seus jogos pôr em perigo
a paz que reina em Ítaca?

Como evitar que o povo murmure
se a nossa ilha é governada por uma mulher?
Que Penélope regresse a casa de seu pai
e diga qual dos pretendentes é o preferido.
Então ~~deixar~~ deixaremos a casa de Ulisses.

E vós que procurais semear a dúvida e a revolta
encolhei enquanto é tempo a língua venenosa
pois fracos pretendentes seríamos nós
se não soubessemos manter com o nosso braço
a ordem que reina em Ítaca.

Gong

TELEMACO

A ordem reina em Ítaca - dizeis.
As vossas tropas devastam a nossa ilha
e comem as cabras de meu pai.
Mas vós dizeis que a ordem reina em Ítaca.
Laertes o pai de Ulisses
filho de Arkêstos igual aos deuses
refugiou-se nas suas vinhas.
Ouvi dizer que se veste de farrapos
e dorme no chão.
Os lobos invadem a casa de Ulisses
e Laertes o invencível
já não desce à cidade.
Mas vós dizeis que a ordem reina em Ítaca.
As servas de Ulisses traíram meu pai.
Algumas revelaram que Penélope
a incomparável
desfazia em cada noite
o tapete que bordava dia a dia.
Hã olhos invisíveis que me espiam
ouvidos que me escutam
a traição é premiada como virtude
e a denúncia como dever.
Mas vós dizeis que a ordem reina em Ítaca.
Onde dantes havia rasgo
(aquele rasgo que cintilou nos campos de Troia)
agora hã só tristeza: a tristeza do medo.
As armas vestidas de fogo cobriram-se de cinza.
Mas vós dizeis que a ordem reina em Ítaca.
A honra é condenada como crime
e os justos são perseguidos.
Ouvi dizer que me tecem embuscadas
os que vêm sentar-se à minha mesa
na usurpada casa de Ulisses.
Mas vós dizeis que a ordem reina em Ítaca.
Ah vós falais nos vossos discursos
da glória de Ulisses. Mas o povo não pode
dizer o seu nome em voz alta.
E os que lhe são fieis
os que se batem por Ulisses nas ruas de Ítaca

são trespassados pelas lanças
da ordem que reina
segundo dizeis
em Ítaca.

Não. Eu não pretendo que não tendes razão
quando falais da glória de Ulisses.
Mas dizei-me ó nobres filhos de Ítaca
acaso posso calar-me
quando aqueles que usurpam a casa de Ulisses
e lhe disputam Penélope a incomparável
lhe querem usurpar também a glória e o nome?
Não. Eu não pretendo que não tendes razão
quando falais da glória de Ulisses.
Mas ainda que me digais
que a ordem reina em Ítaca
não me calarei.

Porque eu vi o herói tratado como intruso
e o intruso tratado como herói.

Vi cada gesto vigiado
cada palavra amordaçada.

E vi que uns poucos tinham tudo
em Ítaca
a cheia de nada.

Vi os amigos de Ulisses
enterrados no fundo das cavernas onde
segundo parece
a ordem reina
em Ítaca.

Por isso não me calarei.

Porque Ulisses está ausente. Laertes o invencível
já não desce à cidade.

E o povo tem de saber. O povo precisa de saber
que a ordem talvez reine em Ítaca
mas não a verdade.

Vozes de multidão

EURÍMACO

Vede vós cidadãos vede vós a que extremos
podem levar ambição e vaidade.
Acaso consentireis acaso consentiremos
que aventureiros tomem conta da cidade?

TELEMÁCO

Aventureiro me chamam aventureiro
por dizer em voz alta o que o povo murmura.
Pois venha um tempo marinheiro
um vento de aventura.
Altas são as montanhas. E as águas do mar são vastas.
Em verdade vos digo: as palavras estão gastas.
Este é tempo de partir
Este é tempo de voltar.
Quem quer vir à aventura? Quem quer vir
à procura de Ulisses perdido no mar?

Vozes de multidão sobem a separador

NO PALÁCIO DE ULISSES

Gong

5ª VOZ

Ai ausência de Ulisses: já seu vinho bebido
vinha a vinha
já seu leito apetecido.
Todo o tempo é de orgia e de banquete
e já nenhum oráculo o anuncia.

No palácio de Ulisses só a rainha
confia
de noite desfiando em seu tapete
o que fiou de dia.

Viola em fundo

PENÉLOPE

No tempo bordarei a minha dor
no tempo (esse tapete) bordarei
o tempo que não passa e que passei
fiando e desfiando por amor.

No tempo estas perguntas: onde e quando?
No tempo que se vai e não me leva
Aquele por quem sou rainha e serva
fiando por amor e desfiando.

No tempo que se vai e se repete
no tempo bordarei o meu tapete
num fazer - desfazer que me desfaz.

Enquanto o tempo vai e não me leva
enquanto o tempo passa e não me traz
aquele por quem sou rainha e serva

Fim de viola - Gong

MENSAGEIRO

Dizem que um velho desembarcou em Ítaca
dizem que um velho desembarcou.
Dizem que é cego mas vê. Dizem que sabe o porquê.
E a quem lhe pergunta pelo rei
a quem lhe pergunta responde:
o rei somos nós.

2ª VOZ

Disse que o rei somos nós.

Gong

MENSAGEIRO

E a quem lhe pergunta por Ítaca
a quem lhe pergunta responde:
Ítaca está dentro de nós.

2ª VOZ

Ítaca está dentro de nós.

Gong

MENSAGEIRO

E a quem lhe pergunta o que sabe
a quem lhe pergunta responde:

Gong

VOZ - (ULISSES)

Eu nada sei que se não saiba
Ulisses está onde não está
Dentro de ti dentro de nós
No que não foi no que não há
Ele é a voz deste silencio
E este silencio que tem voz.

2ª VOZ

Este silencio somos nós
Este silencio que tem voz.

MENSAGEIRO

E a quem lhe pergunta quem é
a quem lhe pergunta responde:

GONG

VELHO (ULISSES)

Quem somos donde vimos para onde vamos?
Há muito já que moro no porquê.
Nada sabemos senão que passamos.
E há sempre um homem que já foi.
Há um homem que ainda não é.
É esse que me doi.

PENÉLOPE

Quem és tu ó estrangeiro? Quem és e donde vens?

VELHO

Pode o homem ter muitos nomes e não ter nenhum
pode ter um só nome tendo muitos.

Pode ter uma pátria e já não ter nenhuma
ou tendo muitas ter uma só.

Pode ter uma pátria que nunca teve
e pode ter uma pátria que não há.

PENÉLOPE

Dizem que sabes notícias de Ulisses
dizem que és cego mas vês.

Talvez tu saibas o onde
talvez tu saibas o quando.

VELHO

Todo o homem tem um navio no coração

todo o homem tem um navio

tem um país a descobrir em cada mão

tem um rio no sangue tem um rio

todo o homem tem um navio no coração.

Todo o homem tem um onde e tem um quando

um tempo de partir um tempo de voltar

sete palmos da terra mil caminhos no mar.

Todo o homem se perde. Todo o homem se encontra.

E tem um tempo em que se mostra. E tem um tempo em que
se esconde.

Todo o homem tem um por e tem um contra

todo o homem se perde. Todo o homem se encontra:

todo o homem tem um quando e tem um onde.

PENÉLOPE

Mas de Ulisses que sabes ó estrangeiro?

Acaso o viste ou sabes de quem o visse

acaso sabes onde está e quando volta?

VELHO

Apenas que de tantas dúvidas tantas suspeitas
de tanta crença feita de descrença
de tantas obras feitas e desfeitas
ele próprio por vezes pensa
que foram inúteis tantos mares tantas ilhas
e que não haverá festa não haverá festa quando voltar
as mulheres continuarão catando as filhas
e os homens passarão sem o saudar.
E no entanto há sempre um sinal.
Pode um homem perder-se ou ser esquecido
pensar-se que não volta e voltar já outro. E tudo ser
igual.
E
Há sempre um sinal. Há sempre algures um marco
Dentro do homem. A marca dum ter sido.
Há sempre um modo inconfundível de pegar no arco.

Gong

PENÉLOPE

Tragam depressa o arco de Ulisses.

Gong

VELHO

Não minhas rainha: Eu não sou Ulisses. Ainda não.

PENÉLOPE

Que queres dizer com esse ainda não?

VELHO

Quero dizer que em cada homem há um rei
que nunca foi. Um rei que ainda não é.
Ulisses está em ti e está em mim
Ulisses que chamarás Ulisses me chamarei.
Todos nós podemos ser Ulisses.

Gong

./.

EURÍMACO

Levem-no. Ainda há cavernas em Ítaca
ainda há cavernas para os que falam demais.

Gong

VELHO

Mas não há cavernas para o que eu penso
não há cavernas para a verdade.

PENÉLOPE

Estrangeiro: Quem és tu?

Som de passos a marchar e carros blindados que ficam em fundo

VELHO

Quem eu sou não importa mas o que eu digo
há nódoas de sangue na casa de Ulisses.
Alguém virá. Alguém pegará no arco.
Flecha a flecha a verdade será dita
flecha a flecha o tempo decifrado.
Então Ulisses voltará a ser Ulisses.

4ª VOZ

Quem sabe onde está?

5ª VOZ

Quem sabe onde não está?

4ª VOZ

De Ulisses é buscar o impossível

8ª VOZ

De Ulisses procurar o que não há.

2ª VOZ

Para o desconhecido o levaram para o invisível.

Gong

4ª VOZ

E quantos dos Aqueus não voltarão?

5ª VOZ

Alguns por tocarem nas vacas sagradas

4ª VOZ

Alguns por abrirem o saco do vento

VOZ DE ULISSES

Mas grande é a glória ó meus amigos
grande é a glória de quem ousa
tocar nas vacas sagradas.

Poderão levantar-se os ventos do Noto
poderão levar-nos as ondas trasalhadas.

Mas grande é a vossa glória ó meus amigos
grande é a glória de quem ousa
as coisas nunca ousadas.

Poderão levantar-se as fúrias do mar
podereis perecer.

Mas grande é a vossa glória ó meus amigos
grande é a glória de quem ousa
desobedecer.

Gong

Entra TELEMACO

Onde estais remadores? Um barco para chegar (mesmo
quando para partir). Um barco para encontrar
Ulisses perdido em si mesmo.

Precisamos dum barco. Um barco para chegar
a Ítaca dentro de nós: Tão em si mesma perdida.

Fim de ruídos - Gong

TEMPO DE NÃO TEMPO DE SIM

1ª VOZ

Eis que de novo chego um tempo de batalhas.
Chego um tempo de povo. Tempo de viver
ou morrer. Chega um tempo de romper as malhas
que um tempo-aranha tece para nos prender
nas teias de cadeias malhas de muralhas.

4ª VOZ

Chega um tempo de massa.

5ª VOZ

Tempo revolucionário.

2ª VOZ

Tempo de negação.

1ª VOZ

Afirmação.

3ª VOZ

Transformação.

6ª VOZ

Chega um tempo em que o poeta - mesmo o solitário -
já não está só: É só mais um na multidão.

4.^a VOZ

Tempo de ver em cada coisa o seu contrário.

5.^a VOZ

Chega um tempo febril.

1.^a VOZ

Febril.

2.^a VOZ

Tempo de sintese.

3.^a VOZ

Tempo de guerra

4.^a VOZ

Tempo de mudança.

2.^a VOZ

Chega um tempo de não.

3.^a VOZ

Chega um tempo de sim.

5.^a VOZ

Tempo de desespero.

4.^a VOZ

Tempo de esperança.

6.^a VOZ

Chega um tempo de início num tempo de fim.

./.

1ª VOZ

Chega um tempo de agir no sentido do Tempo

3ª. VOZ

Tempo de se ganhar o tempo já perdido.

2ª VOZ

Tempo de se vencer o tempo - contratempo,
para que o Tempo torne a ter sentido.

6ª VOZ

Chega um tempo de empunhar as armas do Tempo.

Gong

1ª VOZ

AS MÃOS

Com mãos se faz a paz se faz a guerra.
Com mãos tudo se faz e se desfaz.
Com mãos se faz o poema - e são de terra.
Com mãos se faz a guerra - e são de paz.

Com mãos se rasga o mar. Com mãos se lavra.
Não são de pedras estas casas mas
de mãos. E estão no fruto e na palavra
as mãos que são o canto e são as armas.

E cravam-se no Tempo como farpas
as mãos que vês nas coisas transformadas.
Folhas que vão no vento: Verdes harpas.

De mãos é cada flor cada cidade.
Ninguém pode vencer estas espadas:
Nas tuas mãos começa a liberdade.

Viola em fundo para o próximo poema

E DE SÚBITO UM SINO

3ª VOZ

Eis como tudo
entra de súbito
pelas palavras:
a terra e o mar
as mãos e as vozes.
Tua guitarra
POvo. Teu gênio.

5ª VOZ

E o teu silencio
é de súbito um sino
tocado pelo vento
em todas as aldeias do meu sangue.

2ª VOZ

Porque tudo começa onde comesças
porque tudo se chama o nome do teu nome
porque tudo se escreve com a tua história.

4ª VOZ

Porque tu estás em tudo o que circula
e tudo tem o preço do teu sangue.

5ª VOZ

Porque tu ~~maxima~~^{moves} com teus ombros as cidades
Tocaste a pedra e a pedra fez-se casa
Tocaste o bosque e o bosque fez-se barco.

3ª VOZ

Porque um país tem o tamanho dos teus homens
e o meu país tem o teu tamanho e nada mais.

6.^a VOZ

Porque nada é tão grande como as tuas mãos:
oitenta e nove mil quilômetros quadrados.
O céu e o mar.

2.^a VOZ

E todos os navios.

3.^a VOZ

E todos os poemas.

LIBERDADE (cantado)

Sobre esta página escrevo
teu nome que no peito trago escrita
laranja verde limão
amargo e doce o teu nome

Sobre esta página escrevo
o teu nome de muitos nomes feitos
água e fogo lenha vento
primavera pátria exílio.

Teu nome onde exilado habito e canto
mais do que nome: navio
onde já fui marinheiro
nafragado no teu nome.

Sobre esta página escrevo
o teu nome: tempestade.
E mais do que nome: sangue.
Amor e morte. Navio

Esta chama ateadada no meu peito
por quem morro por quem vivo
este nome rosa e cardo
por quem livre sou cativo

Sobre esta página escrevo
o teu nome: Liberdade.